

**GEPOLÍTICA E VACINAS DA COVID-19:  
ESTADOS, ORGANISMO MULTILATERAIS E CORPORAÇÕES  
TRANSNACIONAIS COMO ESPELHOS DA DISPUTA PELA HEGEMONIA  
MUNDIAL (2020-2022)**

**GEPOLITICS AND COVID-19 VACCINES:  
STATES, MULTILATERAL ORGANIZATIONS AND TRANSNATIONAL  
CORPORATIONS AS MIRRORS OF THE DISPUTE FOR WORLD  
HEGEMONY (2020-2022)**

**Vívian Ribeiro Magalhães**

Graduada em Geografia pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política – UFPI. E-mail: vivianrm1401@hotmail.com

**Raimundo Jucier Sousa de Assis**

Professor dos Programas de Pós-Graduação em Ciência Política e em Geografia – UFPI - e Coordenador do Diretório de Pesquisa Geopolítica, Capitalismo e Natureza, CNPq. E-mail: raimundojucier@ufpi.edu.br

**Giovana Mira de Espindola**

Professora dos Programas de Pós-Graduação em Meio Ambiente e em Geografia - UFPI - e Coordenadora do Diretório de Pesquisa Geopolítica, Capitalismo e Natureza, CNPq. E-mail: giovanamira@ufpi.edu.br

## RESUMO

Este artigo tem o objetivo de compreender a (re) configuração da geopolítica contemporânea, sobretudo da disputa entre os Estados Unidos e a China, sob a ótica da produção e do consumo das vacinas contra a COVID-19, no período de março de 2020 a março de 2022. Dessa forma, o estudo em tela busca responder à seguinte questão-problema: “Como a geopolítica das

vacinas da Covid-19 envolveu Estados, Organismo Multilaterais e Corporações Farmacêuticas, e como esse processo espelha aspectos da (re)configuração da disputa pela hegemonia mundial, sobretudo, entre a China e os Estados Unidos?". Em termos metodológicos, dois eixos nos serviram de caminho investigativo: o primeiro deles concentrou-se na revisão de literatura que permita pensar a articulação entre as corporações, os Estados Nacionais e os organismos multilaterais (PENNAFORTE; LUIGI, 2020), (FERNANDES; BADIN, 2021) e sua relação com o desenvolvimento geográfico desigual do poder no globo (HARVEY, 2007). No segundo eixo, com base em dados estatísticos e notícias jornalísticas, fora sistematizado um alicerce empírico com empresas, investimentos e países de origens responsáveis pela produção das vacinas mais promissoras do mundo. Em suma, a (re) organização do cenário mundial entre Estados Unidos e a China provou que esta última tem feito da pandemia seu reforço de anúncio de nova liderança no globo, mesmo que o Brasil tenha se alinhado aos Estados Unidos e, ainda mais, conflituado com a China no processo de combate da pandemia.

**Palavras-chave:** geopolítica; COVID-19; pandemia; vacinas; indústria farmacêutica; hegemonia mundial.

#### **ABSTRACT**

*This article aims to understand the (re) configuration of contemporary geopolitics, especially the dispute between the United States and China, from the perspective of the production and consumption of vaccines against COVID-19, from March 2020 to March 2022. Thus, the on-screen study seeks to answer the following problem question: "How did the geopolitics of Covid-19 vaccines involve States, Multilateral Organizations and Pharmaceutical Corporations and how this process reflects aspects of the (re)configuration of the dispute over world hegemony, especially between China and the United States? In methodological terms, two axes served us as an investigative path: the first, concentrated in the literature review that allows us to think about the articulation between corporations, national states and multilateral organizations and their relationship with the unequal geographical development of power in the globe. In the second axis, based on statistical data and journalistic news, an empirical foundation had been systematized with companies, investments, and countries of origins responsible to produce the most promising vaccines in the world. In short, the (re) organization of the world scenario between the United States and China has proven that China has made the pandemic its reinforcement of a new leadership announcement in the globe, even if Brazil aligned itself with the United States and, even more, conflicted with China in the process of combating the pandemic.*

**Keywords:** geopolitics; COVID-19; pandemic; vaccines; pharmaceutical industry; world hegemony.

## INTRODUÇÃO

Pensar os processos que ocorrem no interior dos Estados nacionais e das regiões de modo isolado é negligenciar, muitas vezes, os aspectos geopolíticos que orientam e carregam parcela dos sentidos e dos significados dos fenômenos locais. Pensá-los pela via das escalas geográficas, sobretudo, das forças políticas e econômicas internacionais em relação contínua com as escalas nacionais, regionais e locais<sup>1</sup>, nos parece a forma mais apropriada para se elucidar, por um lado, como a dinâmica do globo se realiza em uma conexão orgânica entre os variados processos que ocorrem na superfície dos Estados e, por outro, como esses processos singulares se realizam reproduzindo a desigualdade do poder global entre os distintos territórios.

Como afirma David Harvey, existe um desenvolvimento geográfico desigual do poder político e econômico no mundo e faz-se necessário que os estudos da ciência geográfica sejam capazes de abordar essas desigualdades a partir das produções das escalas, buscando compreender e explicar como a desigualdade do globo expressa uma configuração da geopolítica dos poderes hegemônicos sobre os demais Estados e as economias não-hegemônicas. Estas que, mesmo também possuindo suas diferentes formas de soberanias políticas e dinâmicas econômicas, tem seus territórios orientados pela acumulação de poder e de capital dos agentes políticos e econômicos que dominam a dinâmica global<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> É importante ressaltar que não há um conceito propriamente dito. As escalas, de acordo com a leitura de Milton Santos, podem ser interpretadas como a capacidade de explicar as relações existentes entre os elementos particulares do território, os quais integram os chamados circuitos espaciais da produção, uma lógica regional-nacional, e como esta se insere na macroescala global. Ver: SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

<sup>2</sup> De forma mais ampla, para David Harvey, a circulação do capital opera como uma conexão orgânica entre as escalas local, regional, nacional e global, ao passo que funciona e fornece uma escala própria de organização do espaço mundial. Assim, a volatilidade do capital e o fluxo de trabalho são típicos do desenvolvimento geográfico desigual do capitalismo, efeito direto da acumulação e circulação de capital. Ao mesmo tempo, esse processo não consegue ser processado sem o poder político dos Estados e dos Organismos Multilaterais, que operam militar-politicamente no interior dos Estados nacionais e em redes

A pandemia da COVID-19 é um assunto, para nós, central para o estudo do desenvolvimento geográfico desigual do poder no globo. Primeiro, porque ela surge, exatamente, na China, em um dos Estados que possui a maior capacidade de resolvê-la e que disputa atualmente a hegemonia do globo com a União Europeia e, sobretudo, com os Estados Unidos<sup>3</sup>. Segundo, quando a cidade de Wuhan, na China, se tornou o epicentro da doença e, em seguida, eclodiu na Itália deixando, ao final, aproximadamente 116.000 mortos (Hopkins, 2021), já estaria claro que o processo de resolução da pandemia envolveria uma relação entre a lógica capitalista das indústrias farmacêuticas e os alinhamentos geopolíticos entre os Estados nacionais.

O primeiro caso notificado no Brasil ocorreu em 25/02/2020 e, a partir de então, medidas postas em vigor foram aos poucos efetivadas, como *lockdown*, fechamento de fronteiras e aeroportos, entre outras regulações, a fim de priorizar o funcionamento dos serviços considerados essenciais (profissionais da saúde, hospitais, farmácias), no intuito de conter a contaminação. Mesmo assim, o surto do vírus, que já deixou mais de 662.000 mortes no Brasil, sobrecarregando hospitais, gerando um colapso prenunciado, ganhou a cena pública, e foi criada inclusive uma CPI da Covid-19 para investigar se houve negligência nos processos de combate à pandemia pelos governos federais e estaduais<sup>4</sup> e, ainda mais, se existiram práticas de incentivo à automedicação pelo Estado brasileiro não indicada pela Organização Mundial da Saúde (OMS)<sup>5</sup>.

---

no globo (HARVEY, D. Notas hacia una teoría del desarrollo desigual. **GeoBaires Caderno de Geografia**. Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras – UBA, 2007).

<sup>3</sup> FIORI, J. L. da C. Geopolítica internacional: a nova estratégia imperial dos Estados Unidos. **Revista Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 3, p. 10-17, 2018.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/04/13/senado-cria-cpi-da-covid>.

<sup>5</sup> Sobre as práticas de incentivo a automedicação durante a pandemia, pode-se consultar: FONTES, F. L. de L. *et al.*; Alinhamento geopolítico entre os governos americano e brasileiro quanto ao uso da cloroquina/hidroxicloroquina: repercussões no enfrentamento da COVID-19. **International Journal of Health Management Review**, São Paulo, v. 6, n. 2, 2020.

Dessa forma, o estudo em tela busca responder à seguinte questão-problema: “Como a geopolítica das vacinas da Covid-19 envolveu Estados, Organismo Multilaterais e Corporações Farmacêuticas, e como esse processo, revela as atitudes de combate da pandemia do Brasil como um processo articulado aos aspectos da (re)configuração da disputa pela hegemonia mundial, sobretudo, entre a China e os Estados Unidos?”. Assim, este artigo tem o objetivo de compreender a (re) configuração da geopolítica contemporânea, sobretudo da disputa entre os Estados Unidos e a China, sob a ótica da produção e do consumo das vacinas contra a COVID-19, no período de março de 2020 a março de 2022, em destaque, desdobrando como o Estado brasileiro se alinhou geopoliticamente para o combate da pandemia.

Para atingir esse ensejo, a investigação utilizada constituiu-se em dois eixos. No primeiro deles, trata-se da revisão de literatura<sup>6</sup> sobre a (re) configuração da geopolítica contemporânea sob a ótica da produção e consumo das vacinas contra o COVID-19. Importante destacar aqui como a geopolítica das corporações e das grandes empresas farmacêuticas, articuladas com os seus Estados nacionais de origem, produziram alinhamentos mundiais desses Estados com outras entidades territoriais nas periferias do capitalismo, reproduzindo com a capacidade científica, tecnológica, organizacional e ideológicas uma clara assimetrias de poder entre os Estados produtores e consumidores das vacinas no globo.

No segundo eixo, construindo uma base de dados estatísticos e com informações jornalísticas, no intento de forjar um alicerce empírico diversificado, dado a primariedade do evento em curso, recorreu-se à

---

<sup>6</sup> Fez-se uma revisão de literatura sobre autores que pudessem permitir falar sobre a geopolítica das corporações e grandes empresas. Menciona-se Freitas (2013), Becker (2012), Pennaforte e Luigi (2020), Vaz e Barbosa (2016), Senhoras (2021), entre outros, como pensadores principais.

pesquisa em sites de notícias nacionais e internacionais<sup>7</sup>, sempre prezando pela qualidade da informação, bem como, que nos possibilitasse interpretar as informações a partir da teoria do desenvolvimento geográfico desigual do globo e, assim, das estratégicas geopolíticas postas em tela no processo de combate da pandemia. Assim, foram feitos levantamentos e identificadas empresas, investimentos e países de origens responsáveis pela produção das vacinas mais promissoras do mundo, o que nos permitiu diminuir o recorte a nível Brasil, desdobrar sua relação de enfrentamento da pandemia entre os Estados Unidos e a China, e avaliar o cenário local como espelho desse processo da disputa geopolítica atual.

## **A GEOPOLÍTICA DA VACINA: ESPELHO DA DISPUTA PELA HEGEMONIA INTERNACIONAL**

Em concordância com Freitas (2013, p. 55), cabe dizer que compreender “a geopolítica e discernir qual é o vínculo que esse saber tem com o Estado e, atualmente, com as Corporações, sem dúvida, não é uma tarefa nada trivial”. A produção das vacinas, ou corrida das vacinas, se traduz no *rush* das corporações farmacêuticas por um imunizante mais eficaz que, ao mesmo tempo, significa apoio financeiro e garantia de contratos entre governos e agentes econômicos dos núcleos da hegemonia mundial. Tecer essas relações não é um trabalho nada simples. É uma possibilidade de investigar, no cenário mundial, como as alianças entre os Estados e as corporações produtoras de vacinas criam, extrapolam ou projetam seu poder em territórios periféricos e zonas de disputa de influência na geopolítica internacional.

Dentre o espectro da disputa vacinal, Thiago de Aragão (2020), em um caprichoso esforço de leitura a partir da geopolítica contemporânea, esboça

---

<sup>7</sup> Para esse artigo foram consultados alguns jornais centrais, como BBC (2020), Notícias UOL (2021), Portal FioCruz (2022), Nexo Jornal (2021) e levantado dados estatísticos a partir da plataforma Bloomberg (2021), Bridge Consulting (2022) e Ministério da Saúde (2021).

alguns cenários como: os países produtores dos imunizantes boicotarem o desenvolvimento das vacinas dos países rivais, algo parecido com espionagem ou ataque no que diz respeito à credibilidade da vacina. Nesse caso, embora não se noticie muito, cabe dizer que a China, a Índia e a Rússia disputam por influência em territórios como o Afeganistão, o Paquistão, a Indonésia, Mianmar, Bangladesh, entre outros, tendo na distribuição da vacina a grande oportunidade de aproximação geopolítica. Isto é, a vacina tem servido para que antigos territórios que estavam sobre controle ou sob a hegemonia dos Estados Unidos, possam ser disputados pelas novas hegemônias regionais no oriente.

O Chile, país que produz um ingrediente valioso para a criação da vacina - extrato da casca da árvore do sabão, espécie nativa chilena<sup>8</sup> - tornou-se um dos países de preferência chinesa para recepção da vacina, através da qual também se possibilita ter acesso a fontes de recursos naturais importantes para as indústrias farmacêuticas dos próprios centros geopolíticos. Outro elemento crucial nesse tabuleiro gira em torno da China ter cortado significativa exportação de ingredientes fármacos para a Índia, uma gigante global de fabricação de medicamentos. Coincidência? Não! Apenas muita estratégia envolvida, sobretudo, devido a aproximação do governo de Donald Trump com a Índia antes e durante a pandemia, processo que fragmenta o poder regional em torno da China<sup>9</sup>.

Esses exemplos nos servem como uma amostra da disputa dos espaços regionais e das periferias mundiais através da produção de vacinas, sobretudo, entre uma potência em crise, o caso dos Estados Unidos, e outra potência em ascensão, o caso da China. A pandemia, dessa forma, mais do que uma doença de proporção global tem se tornado um *front* das disputas

---

<sup>8</sup> ARAGÃO, T. **A geopolítica da vacina**: Como as nações estão envolvidas na corrida para vencer o vírus e o que está em jogo por trás de tudo isso. [s.l.]: Sá Editora, 2020.

<sup>9</sup> ROSSETTO, R. O. **A Política Externa e de Segurança dos EUA frente a ascensão chinesa**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Centro Universitário Ritter dos Reis, [s.l.], 2022.

políticas e econômicas entre essas duas lideranças globais e, em outras palavras, ela serve tanto para os Estados Unidos tentar construir mais um capítulo do seu poder global que já vem se desdobrando desde as duas grandes guerras, bem como, para a China fortalecer a multipolaridade, como vem apontando desde o início do século XXI seu desejo de disputar um outro projeto para globo recentralizado na Ásia<sup>10</sup>.

O fortalecimento dos EUA, engendrado após 1945, se estabeleceu de forma multifacetada como o país com as bases mais sólidas em termos de recurso político, militar e econômico mundialmente (FREITAS, 2013). No momento das guerras quentes e frias, emergia também uma liderança internacional e, aliado a isso, a ascendência de organismos multilaterais sob o seu controle, como a Organização das Nações Unidas (ONU), surgimento do capitalismo de corporações, o Tratado de Bretton Woods (1945), importantíssimo para o entendimento de que tal instituiu o controle das finanças a nível mundial pelos norte-americanos, adotando o dólar como moeda de reserva internacional. Em consonância, foram criadas instituições supraestatais para dar apoio e suporte na regulação das políticas econômicas como o Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial (BM), os quais tonificaram as ações dos EUA e a figura de liderança global.

Três aspectos adotados pela Geopolítica norte-americana influíram diretamente na constituição da ordem geopolítica da Guerra Fria sob a égide dos EUA: a) a concentração econômica, isto é, a consolidação de um modelo de capitalismo baseado nas grandes Corporações Transnacionais (TNC's); b) a difusão desse padrão de capitalismo e c) a defesa intransigente da livre iniciativa (Freitas, 2013, p. 61)

A ascensão dos EUA como potência hegemônica do sistema internacional, como se demonstrou, se deu através da articulação das instituições supra-estatais e das corporações transnacionais que se transformaram nos tentáculos dos EUA (Freitas, 2013, p. 62).

---

<sup>10</sup> FLORI, J. L. da C. Geopolítica internacional: a nova estratégia imperial dos Estados Unidos. **Revista Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 3, p. 10-17, 2018.



Neste ínterim, faz-se necessário mencionar a participação ímpar da geopolítica norte-americana e a indústria farmacêutica, consolidando-se com a produção e comercialização da penicilina durante a Segunda Guerra Mundial. Com a participação dos Estados Unidos, houve lideranças estratégicas entre universidade, indústrias farmacêuticas e centros especializados em engenharia genética e biotecnologia no intuito de produção do medicamento e, posteriormente, aprimoramentos, bem como, investimentos em pesquisa vinculados ao desenvolvimento de medicamentos, apostando como estratégia a expansão dessa geopolítica do capitalismo nos centros e nas periferias (Vaz; Barbosa, 2016).

No âmbito de assegurar a produção e comercialização de produtos relacionados ao comércio, inclusive da indústria farmacêutica, nasce o Acordo sobre os Aspectos de Direito Intelectual Relacionados ao Comércio (Acordo TRIPS). Esse acordo entrou em vigor em 1995, na esfera da Organização Mundial do Comércio (OMC), endossando o multilateralismo e reforçando o poder das empresas a nível global, bem como recebendo e desenvolvendo a proteção às suas patentes, e que também pode ser interpretado como outro meio de acumulação de capital (juntamente com a propriedade intelectual em geral) e a segurança para as grandes empresas estatais, regulamentado através de um documento oficial.

A força assumida pelas grandes corporações internacionais, dentre elas, a indústria farmacêutica, foi endossada pelo Acordo Trips (Acordo sobre Aspectos de Direito Intelectual Relacionados ao Comércio). Este reforçou o poder dessas empresas em nível global, a partir do estabelecimento do Direito de Propriedade Intelectual conferido a grandes empresas, que passaram a deter o domínio tecnológico sobre a criação e desenvolvimento de novos produtos e processos. (Vaz; Barbosa, 2016, p. 187)

Ainda no que tange ao multilateralismo, a participação da OMC na pandemia, como um organismo mediador e facilitador de políticas comerciais e medidas administrativas, foi de extrema relevância. Realizou um

trabalho de cooperação técnica e transparência, através de suporte à elaboração de regulação. Através dos 80 países que colaboraram, notificando à OMC medidas, "seja restringindo, liberalizando ou facilitando o comércio de bens essenciais ao enfrentamento da pandemia" (Fernandes; Badim, 2021), pôde-se organizar uma rede de acesso à informação baseado na cooperação técnica e científica entre os países-membros, essencial no combate a pandemia.

Não obstante, desde o final da década de 1980 e, mais precisamente, nas duas primeiras décadas do século XXI, a China vem buscando atrair e desenvolver os processos materiais fundamentais, entre elas, o desenvolvimento de produtos realizados com média e alta tecnologia, como base para a construção de uma nova potência. A China tem mostrado resultados com políticas estratégicas articuladas com o fortalecimento industrial, promoção de investimentos na área de biotecnologia e biofarmácia, aplicação de verba massiva na educação, ciência (em nível de pós-graduação: mestrado e doutorado), tecnologia, P&D com o objetivo de posicionar a nação no status de inovadora (Vaz; Barbosa, 2016, p. 203). Corroboram-se também as influências econômicas que a China tem buscado possuir internacionalmente com outras regiões periféricas do mundo, como a América Latina, sendo o principal parceiro comercial, por exemplo, do Brasil. E conforme aponta Bernal-Meza (2021, p. 241):

Durante quarenta anos, a China veio implementando um plano para conseguir tornar-se o que é hoje. Por outro lado, não vemos um exemplo similar na América Latina. Conseqüentemente, a natureza da relação China-América Latina deve ser considerada como um resultado da análise precedente. A posição alcançada pela China e o poder econômico-científico-tecnológico que a sustenta evidenciam o rotundo fracasso das estratégias de desenvolvimento executado pelos países da América Latina.

Outra tendência que ganha destaque na disputa da hegemonia global pela China é a montagem do bloco de poder dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia,

China e África do Sul), uma proposta de geopolítica Sul-Sul, que afasta os Estados Unidos como único poder global capaz de interferir mundialmente na América Latina, na África e na Ásia<sup>11</sup>. Nesse contexto pandêmico de caos, calamidade pública, milhares de mortes no mundo e com a efetivação da vacina, o Brics fortalece um processo de centralização da China no Sul Global e seu combate com Estados Unidos, quer na estratégia na produção da polarização política global, Estados Unidos versus China, bem como, no interior dos Estados nacionais, sobretudo, nos partidos tradicionais contra alas da extrema direita, complexificou a disputa pelo poder global nos últimos sete anos.

O crescimento do PIB dos países que compõe o BRICS demonstra um crescimento diferenciado: Brasil (1,61), Rússia (1,78), Índia (3,18), China (17,73), África do Sul (419) em bilhões de dólares (World Bank, 2021). China, de longe, apresenta a economia em ascendência, e vem buscando a institucionalização do bloco através da criação do Banco dos BRICS. A leitura deste feito pode ser interpretada como um competidor direto ao FMI ou Banco Mundial, ao oferecer recursos financeiros sob bases mais justas, inclusive de suporte financeiro para os países membros do grupo para o enfrentamento da crise do capitalismo, bem como da crise pandêmica. No entanto, cabe dizer que grande parcela dos superávits chineses tem relação direta com as trocas comerciais que esse país tem com os EUA, o que também implica em construir uma disputa hegemônica sem uma grande ruptura diplomática.

---

<sup>11</sup> "A ideia dos BRICS foi formulada pelo economista-chefe da Goldman Sachs, Jim O'Neil, em estudo de 2001, intitulado "Building Better Global Economic BRICs". Fixou-se como categoria da análise nos meios econômico-financeiros, empresariais, acadêmicos e de comunicação. Em 2006, o conceito deu origem a um agrupamento, propriamente dito, incorporado à política externa de Brasil, Rússia, Índia e China. Em 2011, por ocasião da III Cúpula, a África do Sul passou a fazer parte do agrupamento, que adotou a sigla BRICS", sendo o acrônimo a letra inicial dos países membros. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/forumbrics/pt-BR/conhecaosbrics.html#:~:text=A%20ideia%20dos%20BRICS%20foi,Building%20Better%20Global%20Economic%20BRICs%E2%80%9D>

Pennaforte e Luigi (2020) abordam em texto sobre a (re) emergência do BRICS, no sentido de reordenamento de poder da geopolítica contemporânea, como um processo em que a crise provocada pela pandemia também indicou uma crise do capitalismo na transição das hegemonias e “assim como ocorreu em períodos anteriores”, quando hegemonias holandesas, britânicas, etc, foram superadas, “a hegemonia americana tende a se dissipar e ser substituída por outra” (Wallerteisn, 2002 *apud* Pennaforte; Luigi, 2020, p. 92). Intitulada também por Gwadabe, Salleh e Ahmad (2020) como uma transição de poder no século XXI, a pandemia do novo coronavírus tem balançado as estruturas da hegemonia americana, gerando desconfortos e confrontos entre os países, especialmente com a China, pelo poder global.

### **A GEOPOLÍTICA DAS VACINAS E O BRASIL NO COMBATE DA COVID-19**

A COVID-19 demonstra como atualmente a geopolítica dos grandes centros da alta tecnologia, bem como da produção de insumos para a indústria farmacêutica, se configura globalmente. Convém destacar que de março de 2020 a março de 2022 – recorte temporal estabelecido para este texto – a disputa ultrapassou os limites do aparato técnico, para a investigação sobre as origens da pandemia, a produção de versões de teorias do vírus criado em laboratório e protocolos de combate à doença. Também se assistiu uma repaginação dos discursos da guerra fria, entre eles, do comunismo e do capitalismo voltou a ser propagada no globo, agora tendo o conflito entre os Estados Unidos e a China como novo centro do conflito entre “ocidente” e “oriente”<sup>12</sup>.

E nessa corrida de calamidade pública, os termos para se referir às vacinas contra a Covid-19 foram ganhando uma roupagem geopolítica, a saber: “diplomacia da vacina”; “velho oeste da vacina”; “diplomacia da

---

<sup>12</sup> FLORI, J. L. da C. Geopolítica internacional: a nova estratégia imperial dos Estados Unidos. **Revista Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 3, p. 10-17, 2018.

covid", entre outros. No entanto, a geopolítica aqui não aparece apenas como relação e disputa de poder entre os Estados, mas da sua relação íntima com as corporações transnacionais responsáveis pela produção do imunizante. A parceria com os Estados Nacionais na produção (em menos de um ano) e na distribuição das vacinas, que só foi possível com muito dinheiro aplicado, apresenta bem essa fusão entre os dois principais agentes econômicos e políticos, uma lógica de combate a Covid-19 que já nasce imbricada à disputa pela hegemonia global. Sobre a corrida das Vacinas, segundo Senhoras:

Há que se destacar que os vetores geoeconômicos da corrida das vacinas têm como pano de fundo todo um arcabouço diplomático e financeiro de Estados Nacionais, com uma limitada participação de organismos multilaterais financeiros ou de saúde, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), Grupo Banco Mundial e a Organização Mundial da Saúde (OMS), razão pela qual no restrito grupo de 18 vacinas de uso corrente contra a Covid-19, estão grupos empresariais oligopolísticos de natureza com operações multinacionais, institutos de pesquisas, universidades e consórcios com apoio de seus países de origem: China (6 vacinas), Estados Unidos (3 vacinas), Rússia (3 vacinas), Cuba (2 vacinas), e Inglaterra, Índia, Irã e Cazaquistão (1 vacina cada) (Senhoras, 2021, p. 116-117.)

Dessa forma, para a produção das vacinas houve financiamentos de natureza mistas, como alinhamento entre as empresas farmacêuticas com as instituições dos Estados, organizações filantrópicas / sem fins lucrativos, como da Fundação Gates, o setor privado, bem como, de pessoas como o fundador do Alibaba (grupo de empresas chinesa, cujos negócios são baseados em e-commerce, pela internet). Ademais, ressalta-se que a relação entre os Estados, com as parcerias entre empresas transnacionais para a produção das vacinas, produziu boas demarcações sobre fusões de poder entre os países do Ocidente e com Oriente, como a produção de vacinas entre EUA e Alemanha e entre Estados Unidos e a China. No entanto, torna-se chocante a produção de vacina por Estados e corporações, os territórios que atingem e, assim, as projeções de poderes desejadas no globo (Tabela 1).

**Tabela 1 - Corporações e Estados produtores das principais vacinas<sup>13</sup>**

LABORATÓRIO	ORIGEM	EFICÁCIA	PAÍSES COMPRADORES	LUCRO (US\$ - em bilhões)*
<b>Pfizer / BioNTech</b>	EUA/ALE	95%	EUA, CHI, MEX, CAN, ISR	1,28
<b>Moderna</b>	EUA	95%	EUA, UE, CAN, JAP, QAT, ROK, CAN, ISR	780 milhões
<b>AstraZeneca / Oxford</b>	GBR	70%	EUA, BRA, IND	3,29
<b>Novavax</b>	EUA	89%	EUA, CAN, GBR, AUS, NZL, SWZ	1,38
<b>Johnson &amp; Johnson</b>	BEL	66%	EUA, EU, ZAF, BRA	1,27
<b>Sinovac Biotech (CoronaVac)</b>	CHI/EUA	50%	BRA, CHI	260 milhões
<b>Gamaleya (Sputnik V)</b>	RUS	92%	MEX, BOL, ARG	340 milhões
<b>CanSino Biologics</b>	CHI	66%	MEX, CHL	--
<b>Sinopharm</b>	CHI	79%	PER	--

Fonte: Bloomberg (2021); Notícias Uol (2021); IstoÉ Dinheiro (2021); FPA Brama (2021); BBC (2020). Organizado por: Vívian Ribeiro Magalhães (2021).

A tabela 1 exemplifica as nove vacinas mais promissoras do mercado, sua origem, porcentagem de eficácia, amostra dos países compradores da mesma e, por conseguinte, o lucro estimado em bilhões de dólares, de acordo com a quantidade encomendada previamente. O governo dos EUA investiu massivamente no desenvolvimento e custeio das vacinas. Desde março de 2020, a corporação americana Johnson & Johnson recebeu mais de US\$ 450 milhões, em seguida, já em abril, Washington concedeu a fatia de US\$ 500 milhões à corporação Moderna, a fim de financiar testes clínicos. Também recebeu recurso a corporação Astrazeneca/ Universidade de Oxford, cerca de US\$ 1,2 bilhão para seu projeto, acordado que em troca receberiam 300 milhões de doses. Menciona-se que outros laboratórios norte-americanos – Pfizer/BioNTech, Novavax – não ficaram de fora, com a promessa de

<sup>13</sup> Nota: Na tabela, “Lucro” refere-se a quantia angariada preliminarmente pelas farmacêuticas na fase em que os países encomendaram as respectivas vacinas.

receberem do governo, respectivamente US\$ 2 e 1,6 bilhões (ISTO É DINHEIRO, 2020).

Contudo, detalhando alguns elementos a respeito da relação entre a produção vacinal, laboratórios e investimentos variados, tanto do Estado ou de instituições filantrópicas, as farmacêuticas não se apressaram em financiar seus projetos. Do ponto de vista financeiro, é mais benéfico aguardar a procura e os investimentos externos (Estados, outras instituições, demandas e etc), pois, em circunstâncias extraordinárias, como a que está em curso, o desenvolvimento da vacina é um caso de emergência de saúde pública mundial, sendo a mobilização de ordem pública e/ ou privada. É válido mencionar que o preço das vacinas varia de acordo com a farmacêutica, quanto tempo dura a imunidade e se serão necessárias novas aplicações após um período (mesmo se o indivíduo já houver sido imunizado), fabricação com destino fixo assegurado por meio dos contratos, todos esses fatores evidenciam que toda a indústria farmacêutica irá em muito se beneficiar.

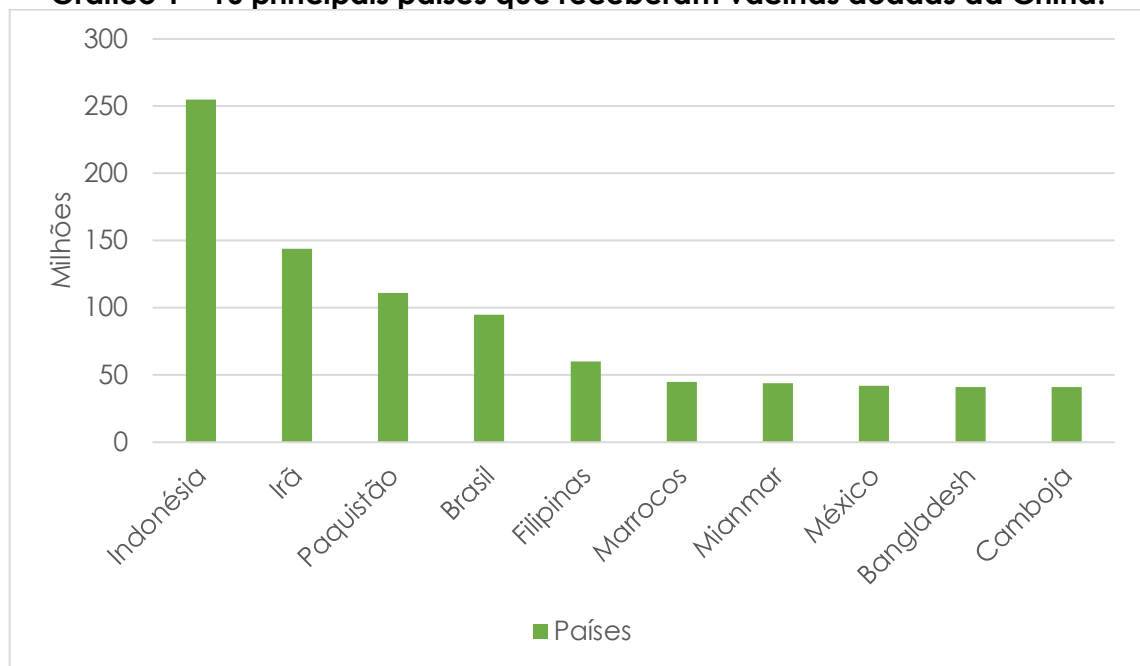
Ainda existe outro debate no campo geoeconômico importantíssimo, que é o duvidoso discurso mascarado pela política dos países desenvolvidos externando preocupação com o acesso às vacinas por todos os países, de modo equitativo. Durante a 13ª cúpula dos BRICS, realizada em formato virtual, foi consenso entre os membros do grupo de que a produção de vacinas ofereceria esperança de se vencer a pandemia e que a imunização extensiva é um bem público global para a saúde, contudo, o bloco de Estados, liderado pela China, tomava uma outra atitude sobre a proteção da vida em articulação com a soberania de outros territórios. Entende-se, aqui, como bem público global “a imunização ampla e a garantia de que os países em desenvolvimento e menos desenvolvidos possam pagar por elas” (HOIRISCH, 2021).

Neste campo de poder, a ideal agenda multilateral de instrumentalização política das vacinas como um bem público amplamente acessível às populações de diferentes países no mundo se viu ofuscada por uma pragmática agenda econômica das vacinas como bens privadas, determinando assim uma clara assimetria de acesso conforme as diferenças de renda entre países desenvolvidos, emergentes e subdesenvolvidos (Senhoras, 2021, p. 117).

Neste ínterim, conforme apontado por Senhoras (2021), desenhou-se um mapa regionalizado sob o ponto de vista econômico das grandes farmacêuticas, o que pode ser observado como uma “assimetria na distribuição das vacinas” pois, regiões como África, parcialmente América Latina, Ásia e Oceania encontraram desvantagem na aquisição, distribuição e vacinação de suas respectivas populações. Outrossim, o imunizante pode ser percebido como um bem privado e a comercializado a preço de custo. Paralelo a essa fissura geopolítica, a clara ascensão chinesa no mercado mundial ganha mais uma vez notoriedade durante a crise pandêmica, se concretizando como provedora de vacinas para os países não-hegemônicos (Gráfico 01). Entretanto, tal iniciativa veio atrelada a condições explícitas da promoção de uma outra forma de liderança global, em que alguns países tiveram de reafirmar ou mudar posições favoráveis à Pequim, em questões controversas, para se ter acesso às vacinas produzidas (Goodenough, 2021).



**Gráfico 1 - 10 principais países que receberam vacinas doadas da China.**



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados do Bridge Consulting (2022).

À medida que a China expande sua influência, também faz do imunizante um elemento da disputa pela hegemonia mundial, com poder de liderança diplomático e econômico, fornecendo mais doses, principalmente, aos países em desenvolvimento e, ainda mais, àqueles que lhe interessa na disputa hegemônica na Ásia, na África e na América Latina. Nesse panorama, há Destaque para a Indonésia, Mianmar, dentre outros, que fazem parte da projeção de Poder da China do Mar do Sul, desequilibrando o antigo equilíbrio de poder dos Estados Unidos na região<sup>14</sup>. Ademais, ressalta-se o Irã, forte inimigo dos Estados Unidos nos últimos anos e uma potência regional militar, reforçando a aproximação com o imunizante como parte das estratégias de expansão regional<sup>15</sup>. Além de Bangladesh e Paquistão, o qual possui o

<sup>14</sup> PEREIRA, P. L. A. **O Mar do Sul da China a emergência do poder militar da China e a reconfiguração do equilíbrio de poder na região**. Pedrouços: IUM, 2022.

<sup>15</sup> Sobre parcela das forças militares e as comparações entre a China, a Rússia e o Irã, consultar: TEIXEIRA JÚNIOR, A. W. M. Estratégias comparadas de antiacesso e negação de

importante Porto de Gwadar, rota central para a expansão da China no Oceânico Índico, no Golfo Pérsico e no Mar Árábico<sup>16</sup>.

Nos desdobramentos que se referem em especial ao Brasil, o enfrentamento da COVID-19 foi marcado por um período de afastamento do Brics e clara reaproximação com os Estados Unidos a partir do plano ideológico da extrema direita que orientava os dois governos. Sobre a pandemia, ambos se posicionaram de modo anticientífico, pela defesa do tratamento precoce através de medicamentos como cloroquina, hidroxicloroquina e azitromicina; impuseram desqualificações e dificuldades de acesso à vacina e certas recusas, além de todos os conflitos diplomáticos com a China, ao chamar de “vírus chinês”<sup>17</sup>. No entanto, o estado de São Paulo foi o primeiro a assinar contrato com a farmacêutica Sinovac Biotech – com a vacina CoronaVac, marcando no dia 17 de janeiro de 2021, o início da campanha de vacinação no Brasil e, em setembro de 2020, o governo federal também anunciou o primeiro acordo com a instituição farmacêutica Oxford/Astrazeneca em parceria com a Fiocruz – por meio de Bio-Manguinhos.

Durante esse processo, parcerias foram sendo construídas entre o Estado brasileiro com outros laboratórios nacionais, bem como, com laboratórios estrangeiros para a produção de Vacinas no Brasil.

---

área: Rússia, China e Irã. **Centro de Estudos Estratégicos do Exército**, [s.l.], v. 20, n. 2, p. 7-38, mar./ maio 2021.

<sup>16</sup> FIALHO, V. L.; HAINES, A. E. F. Porto de Gwadar: o eixo geoestratégico do corredor econômico China-Paquistão. **Conjuntura Austral**: revista do Núcleo de Estratégia e Relações Internacionais, Porto Alegre, v. 10, n. 52, p. 80-99, 2019.

<sup>17</sup> FONTES, F. L. de L. *et al.* Alinhamento geopolítico entre os governos americano e brasileiro quanto ao uso da cloroquina/hidroxocloroquina: repercussões no enfrentamento da COVID-19. **International Journal of Health Management Review**, São Paulo, v. 6, n. 2, 2020.

**Tabela 2 - Parceiras entre Estados e Corporações para a produção de vacinas no Brasil<sup>18</sup>**

LABORATÓRIO	ORIGEM	EFICÁCIA	INOCULAÇÕES	QUANTIDADE ENCOMENDADA (milhões de doses)
<b>Oxford / AstraZeneca<sup>19</sup></b>	GBR	70%	2	3,8
<b>Sinovac Biotech (Coronavac)<sup>20</sup></b>	CHI/EUA	50%	2	21
<b>BioNTech e Pfizer</b>	EUA/ALE	95%	2	Primeiras doses previstas para maio/2021
<b>Johnson &amp; Johnson</b>	BEL	66%	1	Primeiras doses previstas para setembro/2021

Fonte: Ministério da Saúde (2021); Notícias Uol (2021). Organizado por Vívian Ribeiro Magalhães (2021).

No entanto, um misto de questões, como a anticiência e, ao mesmo tempo, o afastamento geopolítico da China, qualificou algumas atitudes do governo brasileiro. Ainda em julho de 2020, houve a recusa de compra da Coronavac, e não se sabe ao certo qual motivo técnico para a negativa, foi divulgado em noticiários a contrariedade do presidente brasileiro. Também houve outra recusa ao laboratório norte-americano Pfizer, desta vez 70 milhões de doses, com a alegação que as cláusulas do contrato eram abusivas. Mais um gargalo enfrentado no país foi o colapso de saúde ocorrido no Amazonas pela falta de oxigênio ou também marcado pela "crise do oxigênio", a precária falta de estrutura do Estado, principalmente em cidades do interior, acarretou a situação com o resultado de diversas mortes.

Politicamente, a pandemia explode no mundo e no Brasil em meio à ascensão dos governos de extrema direita e, no caso particular do Brasil, em meio ao afastamento da participação do país na reconstrução dos BRICS e como uma das lideranças dos países em desenvolvimento da geopolítica Sul-

<sup>18</sup> Nota: Os valores obtidos se referem a dados coletados até o mês de março de 2021 e equivale a 6% da população brasileira vacinada.

<sup>19</sup> Vacina fabricada no Brasil, através da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), com matéria-prima importada.

<sup>20</sup> Vacina fabricada no Brasil, através de parceria com o Instituto Butantan e o governo de São Paulo.

Sul, da iniciativa global e da recuperação da economia das potências emergentes articuladas à China. Além da estratégia que ampliou a situação caótica da pandemia, as críticas à China também buscava desintegrar o país de importantes organismos multilaterais dessa geopolítica Sul-Sul, como a criação do Banco Nacional do Desenvolvimento ou Banco dos BRICS, como já tratado, um dos símbolos principais da alteração dos centros do poder mundial, sendo visto como um potencial “competidor no oferecimento de recursos financeiros sob bases mais justas que as oferecidas pelo FMI ou Banco Mundial” (Pennaforte; Luigi, 2020).

E foi por esse caminho que a China, a partir do NBD, disponibilizou em fevereiro de 2021, uma linha de crédito no valor de 5,4 bilhões ao Brasil para combate da Covid-19 (Correio Braziliense, 2021). Nesse contexto de poder minado ou enfraquecido dos EUA, além de toda difusão ideológica das extremas direitas, apontam esses rearranjos de poder destaca-se que:

A pandemia do Covid-19 é mais um componente nesse cenário geopolítico em que o BRICS terá que demonstrar ser capaz de propor alternativas ao desmoronamento da ordem mundial, com revisão da globalização, do multilateralismo, do regime internacional de comércio (Pennaforte; Luigi, 2020, p. 102).

Conforme aponta Neli Théry e Hervé Théry, um dos reflexos socioterritoriais escancarados através do Covid-19 nos mostra a interdependência na área da saúde. No caso brasileiro, ficou explícito o caminho inverso da globalização, o sistema fragilizado, desindustrializado, dependente totalmente dos Estados e das corporações dos núcleos geopolíticos mundiais. Nesse caso, mesmo sob acusações, a China reagiu pondo em prática o que o Joseph Nye chama de “*soft power*” ou, traduzindo literalmente, “poder brando/ suave”, demonstrando que suas políticas externas são legítimas, operando sob um centro maior de dominação que é expandir sua projeção de poder em um território tão importante como o Brasil, sobretudo, pelo acesso aos recursos naturais que se precisa para sua indústria de base, urbanização etc (Assis; Silva, 2020).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A veloz propagação do vírus da Covid-19 ocorreu através de um movimento típico do mundo globalizado, por meio de conexões sejam elas aéreas, rodoviárias, portuárias ou ferroviárias. Neste esforço de análise da produção e consumo da vacina como parte da (re) configuração da geopolítica contemporânea, logo, da disputa da hegemonia internacional, buscou-se pensar a crise pandêmica interpretada como um fenômeno macroescalar que apresentou formas assimétricas dos seus rebatimentos regionais e nacionais tanto pelo ponto de vista tecnológico, científico, econômico, bem como, das alianças geopolíticas constituídas, sendo a China, a grande protagonista, que explorou o combate a pandemia também como um projeto de expressão da projeção do seu poder global nas regiões periféricas, como América Latina, Ásia e África.

A pandemia abriu uma corrida, por parte dos Estados Nacionais e das corporações transnacionais, pelos imunizantes. E isso só foi possível com muito capital público investido, ainda sob dois pilares: a fabricação às pressas das vacinas e, na sequência, a sua comercialização. Destarte, criou-se um elemento novo no *build* do jogo: o *rush* das indústrias farmacêuticas para produzir vacinas, vender e conseqüentemente lucrar, além de expandir a diplomacia e a influência em determinados territórios. Não obstante, há de se falar que o Brasil marcou esse período tão doloroso para si e para o mundo, de uma forma descuidada, alinhando-se à ideologia da extrema direita norte-americana, ressaltando uma total falta de articulação na condução da crise. E, em termos diplomáticos, andou desalinhado ao grupo dos BRICS, onde poderia ter fortalecido sua atuação interna e em conjunto com a geopolítica Sul-Sul.

No entanto, a partir de ações das unidades federativas brasileiras, sobretudo, de São Paulo, logo depois, do governo federal, foram construídas parceria com a China em torno da produção conjunta da vacina e, ainda

mais, foram realizados empréstimos no “Banco do Brics” direcionado diretamente ao combate da pandemia. A China tomou posturas firmes durante a pandemia na distribuição de insumos médicos para o mundo frente à escassez de EPI (Equipamento de Proteção Individual), doou 20 milhões US\$ para a OMS e enviou médicos e especialistas para a Itália durante a calamidade de saúde no início da pandemia, em 2020. Mais recentemente, Índia, China e Rússia lideram a produção da projeção vacinal e sua disponibilização para o mercado, fixando um novo polo do desenvolvimento geográfico desigual do poder, agora localizado no oriente.

Em suma, as brechas ou omissões deixadas pelo alinhamento Estados Unidos-Brasil a partir do negacionismo e, claramente, da construção de um globo novamente multipolar está sendo ocupada com o aparecimento de outras lideranças internacionais, processo que já vinha se construindo antes da Covid-19 e, tem na pandemia, bem como, na guerra da Ucrânia, uma forte demonstração da multipolarização do mundo. A realidade pós-pandemia, com todos os limites aqui apresentados, é um ensaio sobre um novo mundo de disputas hegemônicas que se consolidam.

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, T. **A geopolítica da vacina:** Como as nações estão envolvidas na corrida para vencer o vírus e o que está em jogo por trás de tudo isso. [s.l.]: Sá Editora, 2020.

ASSIS, R. J. S. de; SILVA, O. F. A. da. A reprimarização no Brasil sob a ascensão da geopolítica chinesa no comércio exterior (2008 – 2018). **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 12121-12139, mar. 2020.

BRASIL IMUNIZADO. Ministério da Saúde recebe 500 mil doses de vacina contra a Covid-19. **Gov.br.**, Brasília-DF, 17 mar. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2021/03/ministerio-da-saude-recebe-500-mil-doses-da-vacinas-contracovid-19>. Acesso em: 13 abr. 2022.

BRASIL. **Lei nº 14.125, de 10 de março de 2021.** Dispõe sobre a responsabilidade civil relativa a eventos adversos pós-vacinação contra a Covid-19 e sobre a

aquisição e distribuição de vacinas por pessoas jurídicas de direito privado. Brasília-DF: Presidência da República, 10 mar. 2021. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2021/lei-14125-10-marco-2021-791129-norma-pl.html> . Acesso em: 01 abr. 2022.

BECKER, B. K. A geografia e o resgate da geopolítica. **Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 117-150, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/viewFile/2079/1846>. Acesso em: 28 jun. 2021.

BERNAL-MEZA, R. América Latina e a nova relação centro periferia com a China. **Finisterra**, [s.l.], v. 56, n. 116, p. 223-246, 2021.

BERTONI, E. Os laboratórios por trás das vacinas contra a covid-19. **NEXO JORNAL**, [S.l.], 24 fev. 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/11/24/Os-laborat%C3%B3rios-por-tr%C3%AAs-das-vacinas-contra-a-covid-19>. Acesso em: 13 abr. 2022.

BRIDGE ADMIN. Tracking China's COVID-19 Vaccine Distribution. **Bridge**, [s.l.], 2022 Disponível em: [https://bridgebeijing.com/our-publications/our-publications-1/china-covid-19-vaccines-tracker/#China8217s\\_Vaccines\\_Around\\_the\\_World](https://bridgebeijing.com/our-publications/our-publications-1/china-covid-19-vaccines-tracker/#China8217s_Vaccines_Around_the_World). Acesso em: 9 abr. 2022.

CASTELLAR, G. UOL Explica: Saiba a origem de Pfizer, CoronaVac, Sputnik e outras vacinas. **Uol Notícias**, Rio de Janeiro, 01 jun. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/02/12/uol-explica-saiba-a-origem-de-coronavac-sputinik-e-outras-vacinas.htm>. Acesso em: 13 abr. 2022.

COVID-19 gera avalanche de financiamentos bilionários para vacinas. **IstoÉ Dinheiro**, São Paulo, 25 nov. 2020. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/covid-19-gera-avalanche-de-financiamentos-bilionarios-para-vacinas/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

FERNANDES, M. F. P.; BADIN, M. R. S. Transparência e cooperação regulatória no comércio internacional de produtos médicos para a COVID-19: uma análise da atuação institucional da OMC e das notificações do Brasil em observância aos Acordos TBT e SPS. **Revista de Direito Internacional**, Brasília-DF, v. 18, n. 2, p. 34-54, 2021.

FREITAS, E. P. de. Da geopolítica dos estados a geopolítica das corporações transnacionais: a metamorfose do cerrado brasileiro em soja e cana-de-açúcar. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 7, n. 3, p. 55-78, dez. 2013.

FUENTES, V. Chile assina acordo de vacina contra Covid com CanSino em meio a surto de vírus. **Bloomberg**, Santiago, 30 mar. 2021. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2021-03-30/chile-inks-covid-vaccine-deal-with-cansino-amid-worst-virus-wave>. Acesso em: 13 abr. 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - FIOCRUZ. Vacinação contra Covid-19 no Brasil completa um ano. **Portal FioCruz**, Rio de Janeiro, 18 jan. 2022. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/vacinacao-contracovid-19-no-brasil-completa-um-ano>. Acesso em: 13 abr. 2022.

GOODENOUGH, P. After Biden's Global Vaccine Sharing Statement, China Announces a Bigger Number – But They Aren't Donations. **CNS News**, [s.l.], 2021. Disponível em: <https://cnsnews.com/index.php/article/international/patrickgoodenough/after-bidens-global-vaccine-sharing-statement-china>. Acesso em: 9 abr. 2022.

GWADABE, N. M.; SALLEH, M. A.; AHMAD, A. A. O declínio hegemônico dos Estados Unidos e a crescente influência da China: uma perspectiva crítica sobre a teoria da transição de poder no século XXI. **Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais**, [s.l.], v. 9, n. 18, p. 132-153, jul./dez. 2020.

HESSEL, R. Banco dos Brics libera R\$ 5,4 bi ao Brasil para combate à covid-19. **Correio Braziliense**, Brasília-DF, 09 fev. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2021/02/490553bancodosbrics-libera-rs-54-bi-ao-brasil-para-combate-a-covid-19.html>. Acesso em: 01 jul. 2021.

HOIRISCH, C. Quo vadis, BRICS? In: BUSS, P. M.; BURGER, P.. **Diplomacia da saúde: respostas globais à pandemia**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2021. p 317-328.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Editora Boitempo, 1984 (Livro I: O processo de produção do capital).

PALUMBO, D.; HOOKER, L. Covid-19: o que as farmacêuticas têm a ganhar na corrida bilionária por vacinas. **BBC News Brasil**, [s.l.], 16 dez. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-55318843#:~:text=No%20total%2C%20os%20governos%20proveram,depende%20fortemente%20de%20financiamento%20externo>. Acesso em: 13 abr. 2022.

PENNAFORTE, C.; LUIGI, R. A (RE) emergência do BRICS e o reordenamento de poder na geopolítica contemporânea. **Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais**, [s.l.], v. 9, n. 18, p. 87-106, jul./dez. 2020.



SENHORAS, E. M. O campo de poder das vacinas na pandemia da COVID-19. **Boletim da Conjuntura**, Boa Vista, ano 3, v. 6, n. 18, 2021.

TAYLOR, L. Estamos sendo ignorados: pesquisadores do Brasil culpam o governo anticientífico pelo aumento devastador de COVID. **Nature**, Reino Unido, v. 593, p. 15-16, 2021. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-021-01031-w>. Acesso em: 07 maio 2021.

TENNEBAUM, J. China e Rússia tomam a dianteira na diplomacia da vacina. Tradução de Rafael Tatemoto. **Fundação Perseu Abramo**, [s.l.], 22 fev. 2021. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/observabr/2021/02/22/china-e-russia-tomam-a-dianteira-na-diplomacia-da-vacina/>. Acesso em: 13 abr. 2022.

THE WORLD BANK. Data for Brazil, Russian Federation, India, China, South Africa. **The World Bank**, [s.l.], 2023. Disponível em: <https://data.worldbank.org/?locations=BR-RU-IN-CN-ZA>. Acesso em: 25 abr. 2023.

VAZ, E. C.; BARBOSA, Y. M. A geopolítica e a indústria farmacêutica: diferenciais competitivos entre Brasil e China. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, ano 18, v. 1, n. 33, p. 185-208, abr. 2016.